

# Entre portas

Paulo Eduardo Carvalho



&lt;

*Ruínas*,  
de João Garcia Miguel  
e Luís Vieira,  
enc. João Garcia Miguel,  
TeCA, Teatro Bruto / TNSJ,  
2005 (Luciano Amarelo  
e Isabel Queirós),  
fot. João Tuna.

*Título: Ruínas. Texto: João Garcia Miguel e Luís Vieira (A caminho do fim). Encenação: João Garcia Miguel. Cenografia, figurinos e assistência de encenação: Ana Luena. Música e interpretação ao vivo: Alexandre Soares. Desenho de luz: Mário Bessa. Preparação vocal: Magna Ferreira. Apoio ao movimento: Luciano Amarelo. Interpretação: Isabel Nunes, Isabel Queirós, Luciano Amarelo, Mário Santos, Marta Gorgulho, Pedro Mendonça. Co-produção: Teatro Bruto/TNSJ. Local e data de estreia: Teatro Carlos Alberto, Porto, 1 de Junho de 2005.*

No breve texto com que, no programa de *Ruínas*, assinalam os seus dez anos de actividade, os responsáveis do Teatro Bruto equacionam de forma perturbadora as inquietações que atravessam simultaneamente o espectáculo e o seu aniversário: "Estamos na porta da entrada sem saber se é a da saída; se estamos do lado de lá ou do lado de cá". Se tais dúvidas se podem afirmar como expressivas das indefinições várias – artísticas, financeiras, logísticas – capazes de afligir a existência de uma qualquer companhia portuguesa chegada ao décimo ano da sua existência, elas oferecem-se também como síntese eloquente daquele espectáculo, uma aventura literal e metaforicamente – também se poderia dizer dramática e cenicamente – vivida "entre portas". Tentemos então perceber o que pode ter feito deste *Ruínas* uma experiência tão singularmente "liminar".

João Garcia Miguel – o criador convidado pela companhia para dirigir este projecto – escreveu primeiro um texto, com Luís Vieira, a que chamou *A caminho do fim*, um título com difusas ressonâncias beckettianas, reforçadas, aliás, em diversos momentos do frenético

diálogo a que condenou as suas indefinidas, mas nem por isso menos prolixas, personagens: Leonor, Manuela, Carlos e Duarte, acompanhadas por um invisível, mas central e muito nomeado, Francisco, e uma multiplicidade mais efêmera de outras figuras, como o Homem do Fim, um Padre, uma Empregada (de café ou restaurante), um Carteiro, um Anão com um turbante, uma Parteira, um Oficial, um Médico, etc. A construção do texto desafia as mais diversas expectativas dramáticas, procurando nele inscrever "o que se diz e o que se pensa, em simultâneo", estratégia que justifica tanto as múltiplas contradições e redundâncias que o atravessam como uma espécie de recusa paradoxal de um qualquer paradigma logocêntrico: "Estão a perceber? Deixem lá que eu também não".

O espectáculo parte da ideia de "um grupo de pessoas que se encontra perante uma porta e que não a consegue transpor", ficção que o próprio criador reconduz a *O anjo exterminador*, de 1962, um dos filmes mais surrealistas de Luis Buñuel, baseado justamente na repetição alucinatória da situação de enclausuramento, atravessado

&lt;

*Ruínas,*  
de João Garcia Miguel  
e Luis Vieira,  
enc. João Garcia Miguel,  
TeCA, Teatro Bruto / TNSJ,  
2005 (Luciano Amarelo e  
Isabel Queirós),  
fot. João Tuna.



*Ruínas,*  
de João Garcia Miguel  
e Luis Vieira,  
enc. João Garcia Miguel,  
TeCA, Teatro Bruto / TNSJ,  
2005 (Marta Gorgulho,  
Mário Santos e  
Isabel Queirós),  
fot. João Tuna.

&gt;

por ambiguidades e contradições que se jogam num ambiente de inquietante mistério. Essa situação parece repetir-se em *A caminho do fim* que comprime tempos e espaços, vivências efectivas e projecções adiadas, o exterior e o interior, a novidade e o palimpsesto, os parâmetros do dramático e a liberdade do lírico, para propor ao espectador, disponível a abrir as "portas da percepção", uma espécie de viagem por um território de fronteira:

Foi assim... estavam quatro amigos em casa... a olhar para uma porta que se abria e fechava sem nenhuma explicação... sem nenhuma corrente de ar... estavam sentados, assustados e curiosos ao mesmo tempo. A campainha tocou e depois de se olharem entre si, um deles foi abrir a porta. Estava um saco preto caído no chão com roupa lá dentro. Cada um deles vestiu um casaco. As portas começaram a gemer e fecharam-nos dentro da casa, sem nenhuma razão aparente, como se o tempo se abrisse e se dividisse em dois. Como se o por dentro se separasse do por fora.

Este é um texto que, provavelmente, sobreviverá mal de forma autónoma, mas que adquire uma extraordinária pertinência quando convocado como matéria verbal para um espectáculo de título tão diverso como este *Ruínas*, onde o uso obsessivo da palavra é sintoma de isolamento, mas também gesto de re-ligação. Uma das personagens confessa, a dado momento, não gostar "do modo como estamos a falar" e outra sugere, mais adiante, que "o valor da linguagem tem de ser discutido de forma diferente". Esta interrogação modernista dos limites da linguagem surge articulada com um tratamento rapsódico, ao privilegiar a disseminação quase coral do discurso pelos corpos, afirmando a identidade como um efeito de linguagem e de movimento. Essa presença tão disseminada do texto no espectáculo surge, contudo, submetida a processos constantes de negociação e compromisso entre domínios



distintos de significação, entre o que vive dentro do corpo e aquilo que o corpo consegue efectivamente dizer.

A cenografia de Ana Luena – igualmente responsável por um conjunto de figurinos imaginativos e transfiguradores – assegura, com um expressivo acerto, a paisagem intermédia onde decorre a ficção proposta, através de um hábil sistema de portas, distribuídas pelo espaço da representação. As surpreendentes variações de escala dessas portas configuram um território reconhecivelmente teatral, completado pela presença quase lírica de diversos bancos de jardim, umas e outros implantados sobre uma imensa superfície de papel que vai sendo rasgado, cedendo à trepidação dos jogos dos actores. Há portas que se abrem e fecham, sem que nunca ninguém verdadeiramente saia ou entre, mas há também portas que viajam, libertando-se das suas molduras originais para funcionarem como uma outra espécie de corpo, com o qual os intérpretes interagem em intermináveis configurações, muitas vezes, fantasmaticamente iluminadas por Mário Bessa.

Uma das mais comoventes dimensões deste espectáculo é, justamente, o registo de representação alcançado pelo conjunto dos intérpretes: Mário Santos, Pedro Mendonça, Luciano Amarelo, Isabel Queirós, Marta Gorgulho e Isabel Nunes apresentam-se como veículos extraordinariamente rigorosos, ágeis e expressivos, embora deliberadamente provisórios, de gestos, de movimentos, de hipóteses múltiplas de personagens, enunciadores compulsivos de palavras com "rabinhos a dar a dar e a abrir e a fechar portinhas dentro da (...) boca que não pára de se abrir e fechar". O trabalho com os actores adivinha-se intenso, demorado, obsessivo, feito de experiências e de procuras, mas invulgarmente sólido na volatilidade pretendida, resultado de uma pesquisa partilhada e em profundidade sobre os recursos expressivos do corpo performativo. O



&lt;

*Ruínas,*

de João Garcia Miguel

e Luís Vieira,

enc. João Garcia Miguel,

TeCA, Teatro Bruto / TNSJ,

2005 (Marta Gorgulho

e Mário Santos),

fot. João Tuna.

músico Alexandre Soares é o sétimo intérprete em cena, acrescentando ao espectáculo uma outra linguagem e uma dinâmica ora de esclarecimento, ora de desafio, em desdobradas articulações com as palavras, os gestos e as imagens.

Pelos corredores do Teatro Carlos Alberto, estendiam-se ainda, entre 1 e 12 de Julho últimos, uma série distinta de outras "portas", doze retratos, doze imensas telas pintadas por João Garcia Miguel no decurso dos ensaios e por ele apresentadas como "ramificações de um mesmo tronco comum" – presentificado, também, no espaço cénico – "que nas suas fases diversas gerou objectos distintos", sob o título de "Eu tenho muitos Franciscos" – uma frase enunciada por uma das personagens, a dado momento da peça. Autónoma do acontecimento teatral, esta exposição/instalação completa-o, complica-o, multiplicando pistas e suportes, cruzando territórios e percepções, num gesto invulgar mas coerente de interrogação das possibilidades expressivas do teatro, das suas fronteiras e intersecções. Outro prolongamento do espectáculo foi um documentário realizado por Eva Ângelo, estreado no Pequeno Auditório do Rivoli Teatro Municipal, no dia 19 de Junho. *Em Bruto* ofereceu-se como um registo sobre o processo criativo da companhia e daquele espectáculo em particular, acompanhado de um esforço de reflexão retrospectiva e de um olhar centrado sobre o trabalho do actor.

Ultrapassada a pulsão mais antropológica e efectivamente ritualista que marcou os primeiros trabalhos do Teatro Bruto, a companhia tentou organizar a sua actividade criativa ao longo destes dez anos em torno de ficções cénicas a que foi chamando "ciclos": Ciclo 4 Elementos Primordiais, Ciclo Círculo da Cor, Ciclo de Coração nas Mãos... São, por isso, escassos os espectáculos em que a companhia "aceitou" partir de um texto dramático

preexistente – caso de *Arranha céus*, *Don Juan*, *Krampack*, *Os meteoros* –, e muito mais numerosos aqueles em que a recolha, a colagem ou a escrita de textos se articulou em relação mais directa com as distintas modalidades de intervenção na criação cénica, motivada por uma ideia ou tema, que constituía, juntamente com o espaço, o caderno de encargos com que se pretendia seduzir um criador, as mais das vezes convidado.

Talvez que a diversidade de criadores convidados ao longo dos anos, bem como a forma algo hesitante através da qual a companhia tem vindo, em algumas das suas experiências mais recentes, a chamar a si – ou a alguns dos seus elementos – a responsabilidade pela direcção dos seus espectáculos, expliquem a diversidade de objectos cénicos produzidos, com níveis muito variados de coerência criativa. Depois de *Abraça-me*, em 1997, esta foi a segunda vez que aquele colectivo apelou à colaboração de João Garcia Miguel, um criador inquieto, durante largos anos associado a essa outra aventura que foi o colectivo Olho. Ao contrário da desafortunada revisitação do formato de café-concerto com *Boca*, em 2004, *Ruínas* apresenta-se como uma celebração fulgurante, atravessada por um sopro raro de consequência expressiva e uma não menos rara capacidade de combinar a interrogação das lógicas do teatro com o próprio acontecer teatro. O território da aventura pressupõe alguma felicidade, é certo, mas também implica formação continuada, exigência e clareza de propósitos. Estar "entre portas" pode ser uma experiência invulgarmente enriquecedora, para criadores e espectadores, mas exige, como o próprio espectáculo demonstra, uma permanente atenção às portas que, continuamente, se fecham e abrem, para que melhor se possam ir acertando os territórios de inscrição: "É preciso entrar no novo mundo como se chega ao velho. (...) O que eu quero é rodopiar! Abrir e fechar portas!"